

**A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NA POÉTICA DE MEIRELES COM O
TEXTO BÍBLICO:**

“Poema da Dúvida” e o entrecruzamento de textos com o discurso religioso

**THE INTERTEXTUALITY PRESENT IN MEIRELES' POETICS WITH THE
BIBLICAL TEXT:**

“Poema da Dúvida” and the intersection of texts with religious discourse

Gabriella Alves de Carvalho¹

RESUMO

O presente estudo irá tratar da intertextualidade em sua forma de alusão, tendo como corpus o “Poema da Dúvida”, de Cecília Meireles, por meio da obra de Bakhtin e Koch e fontes referentes aos aspectos do poema. Nossa proposta é analisar o entrecruzamento do texto literário com o bíblico. Com vistas a observar a atualização do discurso bíblico no texto poético e os efeitos de sentido, examinaremos os mecanismos utilizados para a obtenção da intertextualidade.

Palavras-chave: Intertextualidade. Alusão. Poema da dúvida. Bakhtin. Koch.

ABSTRACT

The present study will deal with intertextuality in its form of allusion, having as corpus the “Poema da Dúvida”, by Cecília Meireles, through the work of Bakhtin and Koch and sources referring to the aspects of the poem. Our proposal is to analyze the intersection of the literary text with the biblical one. To observe the updating of the biblical discourse in the poetic text and the effects of meaning, we will examine the mechanisms used to obtain intertextuality.

Keywords: Intertextuality. Allusion. Poem of doubt. Bakhtin. Koch

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende demonstrar um poema ceciliano no intercruzamento com textos bíblicos. O “Poema da dúvida”, publicado unicamente no ano de 1923, no livro “Nunca mais e... Poema dos poemas” é constituído por uma nítida relação entre a incerteza e a esperança da vinda de um Eleito. Notamos que todos os seus aspectos são justapostos por meio da comparação com textos bíblicos que concebem, então, relações intertextuais e interdiscursivas.

¹ Graduada pela PUC Minas e Pós-graduada *lato sensu* em Teoria da Literatura e Produção Textual e em Metodologia de ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade Batista de Minas Gerais.

Assim, adotamos aqui uma perspectiva dialógica, posto que partimos da hipótese de que todo o poema é demarcado pela presença do discurso de outrem, isto é, a intertextualidade.

Preconizamos uma prática investigativa que objetiva analisar a intertextualidade do referido poema de Meireles com alguns trechos das Escrituras Sagradas que elencamos por meio da recuperação de seus diálogos. Vemos que o entrecruzamento do texto literário com o bíblico constitui a atualização de discursos, o que nos instiga a observar tais evidências com relação a construção enunciativa intertextual.

Examinaremos, dessa forma, os elos discursivos a que estão envolvidos, compreendidos pela teoria bakhtiniana, bem como essa atualização do texto bíblico no discurso poético e seus efeitos de sentido, tomando como ponto central os mecanismos utilizados para a obtenção da intertextualidade. Assim, pretendemos contribuir para um melhor entendimento do poema, por meio do estudo das alusões e dos interdiscursos presentes.

Mediante essa intenção analítica, utilizaremos uma abordagem de pesquisa baseada em uma metodologia de natureza descritiva que se funda no processo qualitativo, tendo como foco a intertextualidade dos discursos. Teoricamente, fundamo-nos nos preceitos de bakhtinianos que propõe o dialogismo como aspecto fulcral da linguagem e, portanto, dos discursos. Apoiamo-nos, ainda, em Fiorin (2006), Paulino, Walt e Cury (2005) e Koch (2012) para tratar da intertextualidade e sua constituição no discurso. A seguir, construiremos tal discussão teórica.

INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE: PERCORRENDO O DISCURSO POR MEIO DA ALUSÃO

A conceituação da intertextualidade compreenderá a definição do termo e suas formas de materialização. Diante disso, apontamos intertextualidade como a noção da coexistência de textos, na qual se constitui de um modo inerente à linguagem. Esse vocábulo foi cunhado por Julia Kristeva, nos anos 60, quando ela se desdobrava por sobre a obra do formalista russo Mikhail Bakhtin. Segundo Fiorin (2006), Kristeva baseou-se no pressuposto de que a linguagem é constitutivamente dialógica. Com isso, afirmou que o texto é construído “como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. (KRISTEVA, 1967, p. 440).

Consoante Fiorin (2006), Roland Barthes (1994) fundamenta-se na obra de Kristeva e assevera que “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis” (BARTHES, 1994, p. 1683). Concebe-se, então, que

intertextualidade é a maneira real de construção do texto (BARTHES, 1994, p. 1683). Para Paulino, Walt e Cury (2005), essa concepção de texto admite uma infinda reinvenção e reincidência de formas e conteúdos, de modo que há a (re) utilização e a transformação de materiais textuais existentes. Em outras palavras, um texto só existe em relação a outros textos anteriormente produzidos. Dessa maneira, com base em Bakhtin, admite que a linguagem é constitutivamente dialógica e é marcada pelo fenômeno social das interações verbais. Com isso, toda e qualquer enunciação revela a dialogicidade que fundamenta os discursos.

De acordo com Fiorin (2006), a intertextualidade ocorre nas relações dialógicas entre textos, sendo uma materialização em texto da relação discursiva, como propunha Bakhtin. Essa relação entre as diferentes vozes e discursos é o “processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido, seja para transformá-lo”. Assim, podemos observar que toda a noção de intertextualidade foi construída mediante a teoria bakhtiniana, visto que tem como base o conceito de dialogismo como modo de funcionamento real da linguagem. Para esse autor, o discurso se constrói em vista do outro.

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 1992, p. 86).

Dessa forma, há uma relação de discursos com outros anteriormente já ditos, na qual uns integram outros em sua composição. Entendemos que esse fenômeno demonstra a principal representação da manifestação da alteridade na interação, uma vez que evidencia a presença do outro no discurso, posto que é o já dito trago à tona. No entanto, essas relações dialógicas são instituídas de modo distinto, visto que podem acontecer no âmbito discursivo, bem como na materialização do texto. Assim, é estabelecido a diferenciação entre a intertextualidade e uma outra noção: a interdiscursividade.

Conforme Fiorin (2006), este termo diz respeito ao diálogo entre discursos ou à forma como um determinado tipo discursivo se constitui em relação a outros tipos já conhecidos. Dessa maneira, “qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido” será interdiscursiva. Com isso, o autor revela que a intertextualidade fica restrita aos casos em que

a relação discursiva é materializada em textos. “Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro. Por exemplo, quando a relação dialógica não se manifesta no texto, temos interdiscursividade, mas não intertextualidade” (FIORIN, 2006, p. 181).

Já Koch (2012) aponta as contribuições de Gérard Genette que, em *Palimpsestes* (1982), já tratava dos diálogos entre texto como relações de transtextualidade, ou seja, aquela que vai além da unidade textual. No referido capítulo, a autora fala da intertextualidade restrita de Genette, apontada como relações de co-presença entre os textos, ou seja, presença efetiva de um texto em outro. Nesse aspecto, surge a alusão que, para o autor, “se dá quando um enunciado supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro ao qual remete tal ou tal de suas inflexões, que só são reconhecíveis para quem tem conhecimento do texto-fonte.” (KOCH, 2012, p. 123). É esse o conceito que iremos explorar na análise do “Poema da dúvida”.

Koch (2012) trata a alusão como um tipo de intertextualidade implícita, visto que é remissão indireta à obra anteriormente instaurada e depende exclusivamente de o leitor recuperar em sua memória discursiva o referente não-dito. Então, esse co-enunciador capta o movimento intertextual por meio das orientações deixadas no texto, ou seja, pelas formas de assinalação do intertexto. Segundo a autora, “na alusão, não se convocam literalmente as palavras nem as entidades de um texto, porque se cogita que o co-enunciador possa compreender nas entrelinhas o que o enunciador deseja sugerir-lhe sem expressar diretamente.” (KOCH, 2012, p. 127). Depreendemos, diante disso, que o leitor só é capaz de notar a menção a outro texto ou a um componente deste quando inferir sentido e significado através de seu saber cultural.

Assim, baseando-se nesse quadro teórico, constatamos que o “Poema da dúvida”, de Cecília Meireles, é construído e constituído por relações dialógicas. Dessa forma, evidencia que Meireles arquiteta seu texto de modo a aludir textualmente passagens bíblicas, insinuando sua intenção a ser desvendada por seu interlocutor. É do que trataremos a partir de agora.

POEMA DA DÚVIDA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

O universo da poesia é amplo e permite a criação de textos com características próprias que demonstram certa liberdade de criação. O trabalho da escrita poética se dá por meio do árduo esmero com a linguagem, o que implica dizer que a obra-prima desse tipo de escrita é constitutivamente dialógica e marcada pelo fenômeno social das interações verbais. Com isso,

percebemos que toda atividade baseada na linguagem é sempre feita em relação a outras já concretizadas.

Diante disso, retomamos e ressaltamos que o objetivo deste trabalho é analisar o “Poema da dúvida”, de Cecília Meireles, destacando as intertextualidades que o constitui. De forma que desvendemos os mistérios dessa relação dialógica do texto poético com o bíblico.

Segue o poema:

Poema da Dúvida

Nesta sombra em que vivo,

Sonho que me aparecerás,

Numa hora extática...

E ando a esperar-te, noite por noite...

Sonho que te hei de ver,

Todo vestido de oiro,

Com os cabelos carregados de estrelas

E as mãos enfeitadas de luas...

Sonho que descerás a ver-me,

De tanto me ouvires

Cantar e louvar

O teu nome...

Nesta sombra em que vivo,

De te evocar,

É como se houvesse visto os teus olhos,

Que devem ser a própria luz...

Como se houvesse adorado o teu coração,

Onde morrem todos os corações que viveram

E de onde nascem todos os corações...

Nesta sombra em que vivo,

Sofro por seres assim irreal,

Assim tão além do que se pode pensar...

Sofro porque nem sei
Quando haverá, nos meus olhos,
Luz com que te veja
E com que te adore...

Nesta sombra em que vivo,
Por que me não apareces,
Numa hora extática,
Se sabes que te ando a esperar,
Noite por noite! ...

(MEIRELES. In: *Poema dos poemas*, 1923.)

O poema é impregnado de um lirismo belo e essencial, volta-se para o metafísico, o subjetivo, que ressalta a feição espiritualista encontrado nele, o que evidencia a realidade circundante do texto. A poetisa aplica um ritmo suave e, ao mesmo tempo, profundo, de maneira que faz destacar nesse poema, o misticismo manifestado através do desejo da união da alma humana com Deus. Há o rico emprego do tom de súplica, confissão e louvor, que abarca a temática da ausência pela via da evocação.

O eu poético, sempre reflexivo, fala de uma dúvida e incerteza, na qual é permeada por esperança e desejo. Essa dúvida, já sinalizada no título, revela uma dualidade: demonstra uma certa ansiedade e aspiração de um encontro ao Eleito, bem como a hesitação e desconfiança em sua presença. Logo, há uma atmosfera de suspeita em seus próprios sentimentos, crenças e fé, mas que paradoxalmente sustenta a espera por Ele.

O discurso da dúvida no poema, percebido no processo de interpretação, dialoga com a carta aos Hebreus, capítulo 11, versículo 1: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem.” No entanto, essa relação dialógica é mantida somente no âmbito do sentido, de modo que se assume como interdiscursiva, de acordo com Fiorin (2006), visto que é um diálogo entre discursos. Esse tipo de interpretação só se concretiza mediante a um leitor modelo com repertório capaz de reconhecer a presença dos interdiscursos.

O versículo citado descreve e conceitua fé, na qual trata as coisas que se esperam como realidade. A própria fé prova que o que é invisível é real. O eu lírico apresenta a dúvida, entretanto, essa por si própria afirma uma crença e demonstra a finitude do homem e de seu pensamento em relação ao mundo espiritual. Assim, a voz poética emana esse sentimento, posto

que monta, por meio do versar, sua imperfeição. A dúvida se concebe no momento do impasse, ou seja, no fraquejar dos pensamentos e convicções.

Com isso, o poema revela a fé pela certeza exprimida na espera do eu lírico:

Nesta sombra em que vivo,
Sonho que me aparecerás,
Numa hora extática...
E ando a esperar-te, noite por noite...
(MEIRELES. In: Poema dos poemas, 1923.)

E, assim como Hebreus 11:1, produz o efeito de sentido de afirmação da existência da crença e da fé, uma vez que a própria dúvida serve para validar “a convicção de fatos que se não veem”:

Nesta sombra em que vivo,
Sofro por seres assim irreal,
Assim tão além do que se pode pensar...
Sofro porque nem sei
Quando haverá, nos meus olhos,
Luz com que te veja
E com que te adore...
(MEIRELES. In: Poema dos poemas, 1923.)

Conforme Fiorin (2006), “a relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou exemplo linguístico), entabularão uma relação dialógica.” (FIORIN, 2006, p. 169). Com isso, podemos notar o intercâmbio entre o discurso poético e o discurso religioso, permeado por elos discursivos que compõem a produção do sentido. Os elos discursivos asseveram a necessidade do enunciador em trazer o tema em um novo contexto e evidencia a tomada de posição ideológica e sua relação com o discurso religioso, que acaba por constituir o próprio poema.

Assim, não há neutralidade no discurso poético, pois emana sua própria voz e posição social-dimensão política. Dessa forma, o texto mantido na relação dialógica é embasado por alteridade, posto que reconhece o dito do outro. Outro aspecto do texto em que se apreende uma relação intertextual é na forma de alusão. Segundo Koch (2012), esse tipo de intertextualidade possui um aspecto implícito, na qual o leitor há de compreendê-lo nas entrelinhas do texto, visto que o enunciador não expressa diretamente a remissão ao outro texto. Vejamos como isso irá se concretizar.

O poema inicia com a afirmativa “Nesta sombra em que vivo” que denuncia a efetivação de um momento de dúvida ajustado por uma certeza evidenciada pelo tempo verbal usado - 1ª pessoa do presente do indicativo. O pronome demonstrativo “Nesta” indica a localização do eu

poético, constituindo, assim, a dêixis do poema. A “sombra” pode ser considerada como o lugar de reclusão da voz poética. É um símbolo metafórico.

Por meio desse verso, que se encontra repetido diversas vezes a fim de se tornar enfático – equivale, até mesmo, a um refrão –, ocorre a alusão à alguns textos bíblicos, preferencialmente ao livro de Salmos. No capítulo 17, versículo 8, situamos o seguinte trecho, em que a divindade é descrita como protetora: “Guarda-me como a menina dos teus olhos, esconda-me à sombra das tuas asas.”. Com o mesmo sentido, encontramos os Salmos 57: 1b e 91:1-2, “à sombra das tuas asas me abrigo, até que passem as calamidades.” e “O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente diz ao Senhor: Meu refúgio e meu baluarte, Deus meu, em quem confio.”, respectivamente.

Diante dos textos bíblicos, percebemos a presença de um vocábulo em comum em todos: “Sombra”. Assim, identificamos que, no poema, há o processo de construção de um símbolo que é carregado de significados em outros contextos. Isso, faz com que sua idealização se conforme e equipare mediante a leitura do texto poético. Logo, a intertextualidade, formalizada pela alusão, se efetiva na retomada dos sentidos propostos no texto bíblico, de modo que o co-enunciador recorre ao seu saber discursivo a fim de elaborar a significação da metáfora ali feita.

Constatamos que os salmistas constroem tal símbolo de maneira a significá-lo como um lugar próximo ao Senhor, um lugar de refúgio, abrigo, segurança e que há descanso. Retratam uma majestade divina que reflete sua sombra, na qual acaba por assegurar e fortalecer o sujeito ali pronunciado. Esse símbolo metafórico, no poema, é tênue e revela um paradoxo: só se constitui sombra quando há luz, embora ainda encontre escassa escuridão. É nela que o sujeito poético se aconchega, torna-se seu abrigo, uma vez que a ideia de sombra cai sobre aquilo que acompanha. Ao passo que, ao mesmo tempo, causa um certo incomodo ao eu lírico, uma vez que é nela que obtém a consciência do seu estado de privação em relação ao Messias.

O eu lírico retrata uma espera, permeada, sempre, por ânsia e esperança de um encontro: “E ando a esperar-te, noite por noite...”. Esse verso alude a diversos Salmos da Bíblia. Vamos nos ater aos capítulos 27 e 40, versículos 14 e 1, respectivamente.

No Sl 27:14 “Espera pelo Senhor, tem bom ânimo e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo Senhor.”, há um tom dialogal em seus verbos no modo imperativo, na qual traz palavras de ordenanças ao leitor. Assim, instrui e demonstra uma expectativa confiante, uma vez que revela que ter esperança em Deus é esperar por Sua ação em Seu tempo propício. No trecho do poema, o gerúndio indica continuidade e as reticências lidam com a incerteza, denunciam a suspensão do pensamento do eu poético, abrem espaço para a interpretação do

leitor. Há um tom monologal de confissão, em que o sujeito poético é apresentado de forma deslocada, reclusa em sua espera. Essa ação é feita “noite por noite...” o que caracteriza a espera como um estado de angústia, período de turbulência, bem como delineia uma imagem de duplo aspecto: as trevas reinantes e a preparação da chegada da luz.

Podemos observar que, no Salmo, o Senhor é evidenciado como o centro, já no texto poético, é o eu-lírico. Vemos, então, que a ação de esperar do texto bíblico é realizada pela voz poética, em que traduz o ato, embora revele a sua própria desconfiança por meio do sentimento de ansiedade.

O Salmo 40:1 “Esperei confiantemente pelo Senhor; Ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro.” mostra, assim como o anterior, uma espera repleta de confiança e fé. Há uma dimensão de causa e consequência: o salmista esperou no Senhor e logo foi respondido em seu lamento. Já no poema, há somente a espera sem respostas. Encontramos esse efeito de sentido na terceira estrofe, nos seguintes versos, uma vez que aponta a preocupação terrena pelo sentimento de falta da compensação celestial. Revela um itinerário ilusório e descompassado entre o eu lírico e Deus, como pode ser percebido nos versos “Sofro por seres assim irreal, /Assim tão além do que se pode pensar...” (MEIRELES. In: Poema dos poemas, 1923).

A espera do eu poético é demarcada pela ânsia de vinda apocalíptica do Altíssimo e, nos Salmos, assinala a confiança e dependência do agir Divino. É relevante dizer que ambos os excertos bíblicos ressoam conclamação e devoção, com isso, notamos, por meio da espera, o entrelaçamento dos discursos, visto que os referidos textos em diálogo evidenciam a evocação ao Senhor, entretanto, de maneiras distintas.

Essa evocação traça uma busca incessante à Ele, a fim de esvair o desencontro instaurado:

Sonho que descerás a ver-me,
De tanto me ouvires
Cantar e louvar
O teu nome...
(MEIRELES. In: Poema dos poemas, 1923.)

Há uma invocação por intermédio do “cantar e louvar”, de modo que alude Salmo 108:1: “Firme está o meu coração, ó Deus! Cantarei e entoarei louvores de toda a minha alma”. Nele, o salmista assevera a firmeza de sua fé em relação à Deus e institui um voto de louvor que sustenta sua fidelidade. No poema, a ação de “cantar e louvar” é referendada no passado, visto que a vinda do Divino seria consequência das entoações. A voz poética ressoa a voz do salmista,

pois desemboca uma circunstância de júbilo e adoração. Então, ocorre uma aproximação dos textos, uma vez que são abarcados de um louvor pela benignidade divina.

A realidade da descida do Senhor é fruto da reverberação dos júbilos do eu lírico. A repetição do desejo de vê-Lo, revelado no “sonho”, evidencia que ele crê que na sua insistência Ele o atenderá. Isso se atesta por meio dos seguintes versos: “Sonho que me aparecerás” / “Sonho que te hei de ver” / “Sonho que descerás a ver-me” (MEIRELES. In: *Poema dos poemas*, 1923).

Tais excertos manifestam uma visão escatológica, resoluto no presente e propagada no futuro. Assim, translúcida uma forma de propagação do presente, mas no sentido de perpetuar a dualidade da incerteza e esperança. Esse tempo é visto de maneira obscura, porque quando a voz poética se volta para ele, remete a símbolos como sonho e sombra.

Essa visão apocalíptica do poema ecoa a descrição desse momento vindouro do Messias na Bíblia, no evangelho segundo Mateus, capítulo 24, versículo 30: “Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória.” Com isso, monta um diálogo com essa proposição, todavia, no poema, o eu lírico trata desse acontecimento de modo pessoal, como se fosse ocorrer exclusivamente para ele. Em outras palavras, há uma verticalização entre o eu poético e o Filho do Homem, a ponto que Ele viria centralizando Seus feitos nesse sujeito.

No poema, encontramos o detalhamento da majestade do ser Divino, apresentado pelo tom de desejo:

Sonho que te hei de ver,
Todo vestido de oiro,
Com os cabelos carregados de estrelas
E as mãos enfeitadas de luas...
(MEIRELES. In: *Poema dos poemas*, 1923)

Esse trecho mantém intertextualidade, na forma de alusão, com o que lemos em Apocalipse 1:12-15: “Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros, um semelhante a filho do homem, com vestes tálares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz como voz de muitas águas.”

Observamos a presença de figuras em comum no texto bíblico e no poético. No primeiro, temos a imagem de um Cristo glorificado, na qual se apresenta como sumo sacerdote, repleto de pureza (cabeça e cabelos alvos como a neve) e justiça (olhos como chamas de fogo). No

“Poema da dúvida”, constatamos o ímpeto dessa mesma glorificação dita em Apocalipse, em que é construída por meio da evocação da presença Dele.

Nos atentamos para “os cabelos carregados de estrelas” e “as mãos enfeitadas de luas”, uma vez que evidenciam o trabalho com a linguagem da autora. Os símbolos da estrela e da lua estão associados ao que é celestial. Neles podemos inferir a ideia de clarificação. O eu lírico vê a possibilidade de iluminação em sua alma, por meio do encontro, ou seja, a saída da sombra em que vive. Os dois astros simbolizam a luz que brilham na escuridão. Assim, estamos diante de uma experiência de imaginação e desejo, posto que é um sonho, e, ao mesmo tempo, da aguda evocação. O sonho é a vontade esplanada de desnudar o desconhecido, o anseio pela verdade e impulso pela junção de sua realidade com Deus.

O “Poema da dúvida” termina com a seguinte estrofe:

Nesta sombra em que vivo,
Por que me não apareces,
Numa hora extática,
Se sabes que te ando a esperar,
Noite por noite! ...
(MEIRELES. In: Poema dos poemas, 1923)

O trecho destacado ressalta a condição que o eu lírico se encontra, desde o início de suas confissões. Comprova um eu poético convicto de seu estado de penúria na sombra, uma vez que desnuda o momento vivenciado como a causa da dúvida, como também, revela seu distanciamento em relação ao Divino pela falta de respostas. Há a elaboração da continuidade da súplica, pois o uso das reticências evoca a prolongação do que foi dito. É a extensão do desejo de revelação em meio da denúncia da turbulência vivenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intertextualidade na forma de alusão aqui retratada, bem como o diálogo entre discursos montam o quadro de análise do “Poema da dúvida”. Assim, o texto poético define sua identidade em relação ao discurso bíblico, uma vez que o poema revela o lado humano retratado no texto religioso: o sofrimento, a fé, a dúvida, a ansiedade etc. Demonstra um estado de desordem, em relação ao presente obscuro e tenebroso vivido pelo eu lírico.

De acordo com Fiorin, Bakhtin diz que:

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado numa esfera comum da

comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (BAKHTIN, 1970, p. 316).

Diante disso, notamos esses “reflexos recíprocos” a que diz Bakhtin, pois o poema é constituído de símbolos que ressoam os textos bíblicos. O intercâmbio entre esses discursos concebe posições referente ao tema. Assim, as alusões construídas por Meireles referendam aos versículos da Bíblia, tanto em relação ao sentido produzido, quanto a aspectos formais do estilo de escrita que é adotado por ela, de modo que os efeitos de sentidos são análogos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso de outrem. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Huicitec, 1999.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida, segunda edição revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Cristina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. **Intertextualidades: teoria e prática**. 6. ed. São Paulo: Formato, 2005.